

**XXIV CONGRESSO NACIONAL DO
CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM
HELDER CÂMARA**

TEORIAS DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

SÉRGIO URQUHART DE CADEMARTORI

RUI DECIO MARTINS

THIAGO LOPES DECAT

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi

Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS

Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM

Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR

Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP

Secretário Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC

Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal

Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR

Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP

Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini Sanches - UNINOVE

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)

Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias

Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC

Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU

Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC

Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC

Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM

Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA

Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladimir Oliveira da Silveira – UNINOVE

T314

Teorias dos direitos fundamentais [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFMG/
FUMEC/Dom Helder Câmara;

coordenadores: Sérgio Urquhart de Cademartori, Rui Decio Martins, Thiago Lopes Decat –
Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-138-8

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: DIREITO E POLÍTICA: da vulnerabilidade à sustentabilidade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Direitos fundamentais.

I. Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara (25. : 2015 :
Belo Horizonte, MG).

CDU: 34



XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC /DOM HELDER CÂMARA

TEORIAS DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

Apresentação

A publicação que ora apresentamos é o resultado dos trabalhos concentrados no grupo de Teoria dos Direitos Fundamentais, da 24ª edição do CONPEDI. A transversalidade das questões relativas a direitos fundamentais, aliada à relevância prática destas questões e ao tratamento teórico/racional que o tema tem angariado na academia jurídica pátria, explica a diversidade de temas e enfoques presentes nos textos deste volume. Aliando reflexões sobre a fundamentação dos Direitos Fundamentais, sua efetivação e aplicação em contextos diversos, esta obra exerce a importante função de divulgação acadêmica de como o campo jurídico, nos termos de Bourdieu, elabora sua compreensão desta importante classe de direitos subjetivos, na sua função ao mesmo tempo condicionadora do exercício dos demais direitos e contramajoritária. Em constante tensão produtiva com a soberania popular, e equiprimordial em relação a ela, o conjunto dos direitos fundamentais articula a proteção da autonomia privada com a autonomia pública constitutiva da soberania popular, de modo a fornecer o conteúdo mínimo daquilo que se chama hoje de estado democrático de direito. Neste sentido, os direitos fundamentais e o conceito conexo de dignidade, ainda hoje próximo de suas raízes kantianas, pode ser compreendido como topos inevitável da teoria do direito, mesmo que a densificação de seu conteúdo para além dos critérios formalistas/procedimentais kantianos e liberais remeta necessariamente, em sociedades pluralistas e postradicionais, a uma teoria da argumentação. Esta é a razão pela qual não se poderia deixar de incluir no título do grupo de trabalhos que deu origem a esta publicação a questão epistemológica de que tipo de teoria seria apropriada para a concreção do sentido destes direitos em contextos concretos de ação. Os trabalhos que integram a obra tratam de todas estas questões, abordando assuntos que vão desde o tipo de teorias apropriadas para lidar com o tema, passando pela Dignidade da Pessoa Humana, Estado democrático de Direito, a prioridade da proteção das crianças e adolescentes, a Teoria dos Direitos Fundamentais de Robert Alexy, o princípio da laicidade, a concretização tardia do valor iluminista da solidariedade, os direitos da personalidade, a história e a terminologia dos direitos humanos, os direitos humanos na declarações de direitos, a relação entre direitos humanos e o trânsito à modernidade, constitucionalização simbólica e direito de reunião, a contraposição entre a relatividade dos direitos humanos e a ideia de um núcleo conceitual invariável de tais direitos, direito à informação e liberdade de expressão, proibição administrativa, a teoria dos princípios jurídicos, rumos possíveis do processo histórico de compreensão dos direitos humanos, a ideia de ponderação de princípios, a tensão entre direitos humanos e elementos identitários nas práticas sociais de

povos tradicionais até a teoria dos limites aos limites dos direitos fundamentais. Acreditamos que tal diversidade, em vez de revelar ausência de sistematicidade nas reflexões sobre os direitos fundamentais, expõe um dos pilares de toda investigação científica digna deste nome: a liberdade no pensar e a apropriação dos conceitos para reflexões próprias, característica de pesquisadores e de um campo do saber verdadeiramente emancipados.

ELLUL, ORTEGA Y GASSET. PONTO DE ENCONTRO E OS DIREITOS FUNDAMENTAIS

ELLUL, ORTEGA Y GASSET. PUNTO DE ENCUENTRO E LOS DERECHOS FUNDAMENTALES

Rui Decio Martins

Resumo

O artigo visa fazer um diálogo entre a obra de Jacques Ellul com outros autores, de outros tempos, de outras nacionalidades, de outras visões. A princípio ficaremos com Ortega y Gasset. Após descrever em linhas gerais a obra de Jacques Ellul e de Ortega y Gasset o texto faz uma explanação sobre como o homem é visto como alguém que faz parte de uma coletividade e cuja atuação leva ao progresso ou ao retrocesso social. Tem como pano de fundo a obra A Rebelião das Massas, de Ortega y Gasset, de 1926, e faz um paralelo com a visão de Ellul sobre as questões da técnica e como esta atua até os dias atuais no progresso da humanidade. Descreve uma evolução que busca no passado mais longínquo e com base no desenvolvimento das técnicas agrícolas até às tecnologias atuais e com as implicações que isso acarreta à vida social e aos direitos individuais.

Palavras-chave: Técnica, Jacques Ellul, Ortega y Gasset, Rebelião das massas, Direitos fundamentais

Abstract/Resumen/Résumé

El artículo pretende hacer un diálogo entre la obra de Jacques Ellul con otros autores, otras épocas, otras nacionalidades de otros puntos de vista. Al principio nos quedamos con Ortega y Gasset. Después de describir la obra de Jacques Ellul y de Ortega y Gasset el texto hace una explicación acerca del modo como el hombre es visto como una persona que es parte de un colectivo y cuyo desempeño conduce al progreso o a la regresión social. Tiene como telón de fondo la obra Rebelión de las masas, de Ortega y Gasset, en 1926, y hace un paralelo con la visión de Ellul sobre cuestiones de la técnica y cómo esto funciona hasta la actualidad en el progreso de la humanidad. Describe una evolución que busca en el pasado distante y basado en el desarrollo de técnicas agrícolas a las tecnologías actuales y las implicaciones que esto conlleva a la vida social y los derechos individuales.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Técnica, Jacques Ellul, Ortega y Gasset, Rebelión de las masas, Derechos fundamentales

As próximas linhas escondem e ao mesmo tempo estimulam um desafio: fazer um diálogo sempre expansivo da obra de Jacques Ellul com outros autores, de outros tempos, de outras nacionalidades, de outras visões.

Nesse momento os escolhidos para iniciar tão árdua e profícua tarefa foram José Ortega y Gasset, responsável por imensa e profunda obra intelectual, sobre quem nos debruçaremos um pouco mais, e Miguel de Unamuno, outro espanhol de escol e professor da Universidade de Salamanca e autor da primorosa obra "Del sentimiento trágico de la vida", utilizada aqui apenas como um prólogo àquele desafio. Futuramente outros pensadores poderão ser "chamados" ao confronto com a obra elluliana, tais como Raimundo Lúlio (Ramon Llull) e Pietro Ubaldi.

Por ora, enfatizaremos Ortega y Gasset, assentando-nos em seu escrito "A rebelião das Massas".

Gasset nasceu em Madri, em 9 de maio de 1883, filho de jornalistas e proprietários de um jornal, El Imparcial. Desta gênese nasceu um filósofo, dos maiores de língua hispânica no século XX, que encontrou no jornalismo a base intelectual e estilística de sua produção.

Formou-se em filosofia na Universidade de Madri, aprimorando-se na Alemanha, em Marburgo.

Exerceu vida pública ao lado da vida acadêmica e cultural, com uma vasta obra de caráter crítico.

Faleceu no dia 18 de outubro de 1955, em Madri.

Para iniciarmos esse desafio reportamo-nos à Miguel de Unamuno que inicia sua obra "Del sentimiento trágico de la vida " refletindo sobre o *homem de carne e osso* (1980, 25). Para ele as palavras humanidade e humano não refletem a realidade fática, concreta, qual seja, *o homem*.

El hombre de carne y hueso, el que nace, sufre y muere - sobre todo muere -, el que come y bebe y juega u duerme y piensa y quiere, el

hombre que se ve y a quien se oye, el hermano, el verdadero hermano.

(...) un hombre que nos es de aquí o de allí ni de esta época o de la otra, que no tiene ni sexo ni patria, una idea, en fin. Es decir, un no hombre (1980, 25).

O que interessa para ele é o homem de carne e osso, o que é objeto e sujeito de qualquer filosofia. Em geral nos são apresentados os sistemas filosóficos como sendo originados uns dos outros; seus autores, os verdadeiros filósofos aparecem como meros coadjuvantes.

La íntima biografía de los filósofos, de los hombres que filosofaron, ocupa un lugar secundario. Y es ella, sin embargo, esa íntima biografía la que más cosas nos explica. (1980, 27)

O autor em questão traça um ligeiro quadro afirmando que a filosofia se aproxima mais da poesia do que da ciência.

Não raro, para nós, a ciência é mais estranha do que a filosofia, posto que "cumplen un fin más objetivo, es decir, más fuera de nosotros. Son, en el fondo, cosa de economía." (1980, 27). Define um novo descobrimento como sendo uma coisa que serve para algo.

Así, el teléfono puede servirnos para comunicarnos a distancia con la mujer amada. ¿Pero ésta para qué nos sirve? Toma uno el tranvía eléctrico para oír una ópera; y se pregunta: ¿cuál es, en este caso, más útil, el tranvía o la ópera? (1980, 27)

Partindo desse ponto de vista a filosofia serve para formarmos um visão unitária do mundo e da vida e trás como consequência "un sentimiento que engendre una actitud íntima y hasta una acción. Pero resulta que esse sentimiento , en vez de ser consecuencia de aquella concepción, es causa de ella." (1980, 27)

Significa, isso, que passamos a ver a vida e compreender o mundo a partir de nosso sentimento em relação à própria vida. (1980, 27)

Já para Ortega y Gasset, o homem é tratado como alguém que faz parte de uma coletividade, que atua com base em procedimentos que podem levar ao progresso ou a uma situação de retrocesso social.

Na verdade, como exemplificado adiante, essa massa interessa-se mais pelo produto que uma sociedade com base na técnica possa proporcionar do que com a própria civilização.

Na obra, de 1926, *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset (1926, 40) faz uma análise da técnica relacionando-a com uma posição das *massas* que para ele pode ser conceituada como primitiva. Para estudar o comportamento das massas - e que poderia gerar um movimento revolucionário em seu agir - o autor confessa que o faz com o uso de suas convicções filosóficas já estudadas em outros momentos e locais, isto é, nega que faz um estudo das massas utilizando-se de uma metafísica da história.

Para ele,

(...) toda vida, e portanto, a história, se compõe de puros instantes, cada um dos quais está relativamente indeterminado com respeito ao anterior, de sorte que nele a realidade vacila, piétine sur place, e não sabe bem se se decidir por uma ou outra entre várias possibilidades. Este titubeio metafísico proporciona a todo o vital esta inconfundível qualidade de vibração e estremeçamento. (1926, 40)

Para o autor este movimento das massas pode levar a uma "nova organização da humanidade" (1926, 40), mas também pode ser o contrário. O progresso que pode ser obtido deve ser evitado de um sentimento de que esse mesmo progresso possa não ser seguro.

Mais congruente com os fatos é pensar que não há nenhum progresso seguro, nenhuma evolução, sem a ameaça de involução e

retrocesso. Tudo, tudo é possível na história - tanto o progresso triunfal e indefinido como a periódica regressão -, porque a vida individual ou coletiva, pessoal ou histórica, é a única entidade do universo cuja substância é perigo. Compõem-se de peripécias. É, rigorosamente falando, drama. (1926, 40)

A ação das massas com suas novas condutas podem ser indícios de futuras perfeições. Para Gasset a ordem antiga arrasta consigo ainda alguns resquícios em maior ou menor grau, "valorizações e respeitos sobreviventes e já sem sentido (...) normas que já provaram sua insubstancialidade." (1926, 40)

Após fazer uma digressão sobre a evolução da *humanidade européia*, afirmando que esta só poderia passar para um estágio superior e mais avançado quando se desnudasse de seu passado e se aproximasse de "sua pura essencialidade, até coincidir consigo mesma." (1926, 40)

O temor exposto na obra em comento é o de uma grande possibilidade de que todo o "crescimento de possibilidades concretas" (p.41) possa ser anulado por si só em decorrência da mudança comportamental daqueles que detêm a direção social européia, qual seja, "um tipo de homem a quem não interessam os princípios da civilização. Não os desta ou os daquela, mas, os de nenhuma." (1926, 41)

É bem verdade que para esse homem interessam as novas coisas, tais como os anestésicos, os automóveis e outras mais. A crítica do autor é que esse interesse "confirma seu radical desinteresse pela civilização. Pois estas coisas são só produtos dela, e o fervor que se lhes dedica faz ressaltar mais cruamente a insensibilidade para os princípios de que nascem." (1926, 41)

Abrimos uma janela para observar, neste momento, a visão de Jacques Ellul, para quem a técnica está mais além do resultado dela derivado, tão somente.

Ele vê as implicações daí decorrentes, como por exemplo, na questão do automóvel, acima exposto por Gasset.

Ellul deixa de lado a visão pura do objeto tomado em si mesmo e parte para uma profunda exploração da realidade contida no entorno daquele objeto: a questão do

combustível que remete à questão do petróleo que tem gerado inúmeros conflitos locais e mundiais, a corrupção incidente sobre os povos mais pobres em busca do acesso facilitado e mais barato de matérias primas, o poder das grandes agremiações industriais, econômicas e políticas que privilegiam o uso de veículos praticamente ao nível individual em detrimento do transporte público, as mudanças nas paisagens urbanas e rurais, a poluição causada por essa matriz de transporte, os acidentes com vítimas fatais ou feridas. (PORQUET, 52-3)

O autor francês vê a técnica como estando a serviço do homem porque ele a criou. Afirma que o fenômeno técnico é a preocupação da imensa maioria dos homens atuais, de pesquisar em todas as coisas o método mais eficaz (PORQUET, 54).

Para Ellul não se pode reduzir a técnica a uma simples aplicação prática da ciência. Na verdade aquela surge antes desta, muito embora os dois institutos sigam caminhos entrelaçados e que se completam. É por isso que ele crê que a técnica é o fator predominante da sociedade moderna.

Na continuidade, relata o autor de Salamanca que desde o período renascentista havia um entusiasmo crescente para com as novas ciências surgidas a partir de então, é dizer, as ciências físicas, atraindo mais e mais interessados nos novos processos de investigação. Todavia, esse interesse crescente de geração após geração sofre uma diminuição a partir dos anos trinta do século XX.

Nos laboratórios de ciência pura começa a ser difícil atrair discípulos. E isso acontece quando a indústria alcança seu maior desenvolvimento e quando as pessoas mostram maior apetite pelo uso de aparelhos e medicinas criados pela ciência. (1926, 41)

O ensaio estudado pretende dar a resposta à seguinte pergunta : "o que significa situação tão paradoxal?" (1926, 41)

Pode ser dito, assim, que o fulcro da questão reside na ideia de o homem dominante hoje é um *primitivo*. Mas não um primitivo vivendo em eras priscas; ao contrário, ele emerge "em meio de um mundo civilizado." (1926, 41)

O autor destaca com veemência que:

O civilizado é o mundo, porém, seu habitante não o é: nem sequer vê nele a civilização, mas usa dela como se fosse natureza. O novo homem deseja o automóvel e goza dele, mas crê que é fruta espontânea de uma árvore edênica. No fundo de sua alma desconhece o caráter artificial, quase inverossímil, da civilização. (...) O homem massa atual é, com efeito, um primitivo que pelos bastidores deslizou no velho cenário da civilização. (1926, 41)

Opondo-se ao pensamento de Spengler¹ para quem à cultura vai suceder uma época de civilização, tomando esta como sendo a técnica, *e que a técnica pode continuar vivendo quando morreu o interesse pelos princípios da cultura*, (1926, 41), Ortega y Gasset vai em sentido diametralmente contrário ao afirmar que a técnica é essencialmente ciência. Creio ser necessário, aqui, repisar *ipsis literis* o pensamento do eminente espanhol:

A ciência não existe se não interessa em sua pureza e por ela mesma, e não pode interessar se as pessoas não continuam entusiasmadas com os princípios gerais da cultura. Se se embota esse fervor - como parece ocorrer -, a técnica só pode perviver um pouco de tempo, aquele que lhe dure a inércia do impulso cultural que a criou. Vive-se com a técnica, mas não da técnica. Esta não se nutre nem se respira a si mesma, não é causa sui, mas precipitado útil, prático, de preocupações supérfluas, não práticas. (1926, 41)

Para Gasset a técnica não tem a capacidade de garantir o progresso e nem mesmo a continuidade da técnica, todavia ele admite o papel relevante do tecnicismo na sociedade atual, ou melhor, com suas palavras, na "cultura moderna (...) que contém um gênero de ciência, o qual vem ser materialmente aproveitável." (1926, 42)

Uma questão imposta pelo autor é a seguinte: "Não é demasiado absurdo que nas circunstâncias atuais não sinta o homem médio, espontaneamente e sem prédicas, fervor superlativo por aquelas ciências e suas congêneres, as biológicas?" (1926, 42)

¹ Ortega y Gasset não nos dá maiores detalhes sobre qual obra de Spengler ele aqui se refere.

A razão dessa pergunta se fundamenta no fato de que outras manifestações da cultura, como a política, arte, direito, moral se tornaram problemáticas. Todavia, sobressai-se nesse contexto negativo a ciência empírica, aquela que na atualidade parece ser a única a despertar uma certa eficiência nas massas.

A angústia descrita pelo autor ora apreciado é no sentido de entender porque as massas não investem, por si mesmas, mais adequadamente na ciência, posto que é ela que fornece a cada dia novos inventos, que beneficiam o homem médio, pois "todo o mundo sabe que, não cedendo à inspiração científica, se se triplicassem ou decuplicassem os laboratórios, multiplicar-se-iam automaticamente riqueza, comodidade, saúde, bem estar." (1926, 42) Constata, com certa tristeza, que o após guerra (1ª guerra) gerou uma classe de pária social - o cientista.

Mas as massas não podem viver sem a ciência, pois quem vai sustentá-las posto que humanidade cresce incessantemente exigindo cada vez mais alimentos e bens de consumo, nem sempre essenciais?

A crítica principal de Ortega ao comportamento das massas é no tocante ao desinteresse destas com relação à ciência, podendo-se esperar apenas um estado comportamental de barbárie de quem assim agir, principalmente porque tal desapego à ciência reflete-se

talvez com maior clareza que em nenhuma outra parte, na massa dos técnicos mesmos - de médicos, engenheiros, etc., os quais soem exercer sua profissão com um estado de espírito idêntico no essencial ao de quem se contenta com usar do automóvel ou comprar o tubo de aspirina -, sem a menor solidariedade íntima com o destino da ciência, da civilização. (1926, 43)

Para o professor espanhol o mais grave é a desproporção existente entre os frutos colhidos pelo homem derivados da ciência e o reconhecimento que dedica a esta. Nas suas palavras:

Só posso explicar-me esta ausência do adequado reconhecimento se recordo que no centro da África os negros vão também em

automóvel e se aspirinizam. O europeu que começa a predominar - esta é a minha hipótese - seria, relativamente à complexa civilização em que nasceu, um homem primitivo, um bárbaro emergindo por um alçapão, um "invasor vertical".(1926, 43)

Bem se vê que os tempos em que foram escritas estas lições eram outros. Hoje, pela citação acima, estaria o autor enredado nos maus lençóis do *politicamente incorreto*, pois ao referir-se a *negros* poderia ser interpretado como uma expressão discriminatória, que feriria os direitos mais elementares e fundamentais de qualquer pessoa - não importando o continente em que habite, nem sua cor, nem sua cultura - a ser considerada plenamente como sujeito de direitos tanto no plano interno como no internacional.²

Mais adiante, Ortega continua a digressão sobre o homem massa e sua relação com a civilização do século XIX, período de sua criação. Para o professor ibérico o citado século ensejou o surgimento de uma civilização diferenciada da dos séculos anteriores pois que estava fundada na técnica.

Mas foi nessa centúria que a ciência deu um enorme salto qualitativo e quantitativo em relação aos períodos anteriores. É nesse século, também, que Revolução industrial proporcionou uma grande acumulação de capital. Para Ortega só faltava juntar a fome com a vontade de comer. Assim, da "copulação entre o capitalismo e a ciência experimental" (1926, 49), surgiu a denominada técnica contemporânea.

Da mesma forma que Ellul, mais tarde, para Ortega a técnica não é toda ela, sempre, revestida de cientificismo. Exemplifica com a confecção dos machados de pedra no período lítico da pré história que embora utilizasse técnica de fabricação nem de longe possuía sequer um rudimento de ciência.³

² Não podemos nos esquecer que essa obra foi escrita em 1926, época em que os direitos humanos sequer tinham sido cogitados, embora se pudesse afirmar sobre a existência de direitos fundamentais, mas somente no âmbito restrito das jurisdições soberanas. Quero crer que o estudado autor não teve outra intenção além de referir a uma situação que envolvia diferenças quase abissais entre as mais diversas regiões do planeta no que diz respeito ao acesso à técnica como elemento proporcionador de condições de vida mais dignas.

³ Segundo Robert Foley (2003), "a primeira tecnologia, conhecida como oldovana, nome tirado do sítio Olduvai, na Tanzânia, onde ela foi descrita pela primeira vez, existiu durante mais de um milhão de anos. Sua sucessora, a acheulense, caracterizada por grandes machados desbastados nas duas faces, também se manteve estável por cerca de um milhão de anos. Mesmo as tecnologias mais tardias, associadas aos neanderthalenses e conhecidas como musterienses, consistindo sistematicamente em cernes de pedra lascados que haviam passado por preparação antes de serem desbastados, não sofreram grandes alterações durante bem mais de cem mil anos. Em contraste a tecnologia lítica associada aos humanos modernos nunca perdurou por mais de

A Arqueologia nos mostra que há cinquenta mil anos surgiu o *homo sapiens* e que por 40 mil anos viveu em cavernas, era coletor e caçador, quando usava alguns instrumentos de pedra polida, ainda incipientes, vestia, por vezes, peles de animais, vivia em pequenos grupos nômades.

Reputa-se que o comportamento aliado à capacidade mental humanos mais que sua própria anatomia é que diferenciaram os primeiros humanos de outro animais.

O homem fazedor de ferramentas, o homem caçador, a mulher coletadora, o *homo economicus*, o *homo hierarchicus*, o *homo politicus*, e o *homo loquans*, são, todos eles, apelidos cujo propósito era resumir numa palavra a natureza humana. Eles, e tantos outros, são traços usados por diversas pessoas para identificar a força propulsora subjacente à natureza humana. (FOLEY, 2003, 63) (grifos do autor citado)

Assim é que aquele homem primitivo, diante do crescimento populacional passa a usar o meio para satisfazer suas necessidades e não mais para só se defender dele.

Ainda na lição de FOLEY,

Para muitos, a fabricação de ferramentas foi o fator decisivo. Basta um exame superficial do mundo para perceber até que ponto os humanos dependem da tecnologia. E isso não apenas no caso de povos urbanos e industrializados, mas no de todas as sociedades. Casas, alimentos, armas, jogos, tudo isso, em certa medida, implica tecnologia, mesmo que seja construção relativamente simples. (...) A base para a fabricação de ferramentas consiste, em parte, na capacidade manipulatória das mãos destros e, em parte, na capacidade do cérebro de coordenar e criar ações que tenham consequências tecnológicas. As aplicações práticas dessas capacidades são óbvias, indo desde a simplicidade da roda até a potência de um reator nuclear. (2003, 63)

cinco mil a dez mil anos, sendo, em geral, bastante mais efêmera. Além disso, o ritmos de mudanças tecnológicas entre os humanos modernos, que continua a ocorrer até hoje, apresenta aceleração constante." (p.101)

Na verdade o papel da tecnologia é permitir aos seres humanos modificar o mundo em seu favor, diferentemente dos outros animais pois "a tecnologia pode transformar uma espécie num componente ativo da construção do meio ambiente." (FOLEY, 2003, 64)

Para o autor em questão a tecnologia é a maneira pela qual o mundo humano é criado.

Nessa linha de pensamento Jean-Luc Porquet (2003, 40) ensina que a primeira grande revolução humana, assentada na técnica, é a revolução na agricultura, aproximadamente há dez mil anos, quando se passou da condição de nômade para a de sedentarismo. Com isso a vida social e individual toma novas formas. Retrato disso são as pinturas rupestres em grutas que deixam de focar cenas de animais, isolados ou em bandos, para mostrarem com predominância o homem coletivo, com suas armas e utensílios. Surge, em decorrência desse novo modo de agir, a figura do chefe, o que é mais corajoso, o mais hábil para dirigir o grupo, grupo esse que agora, com suas ferramentas, produz mais e tem necessidade de armazenar o excesso produzido. Ao criarem locais para depositar esse excedente, criaram a noção de propriedade; a partir de então, foi um crescendo até atingir o estágio das grandes metrópoles e, com esse desenvolvimento, como não poderia deixar de ser, por enquanto, as guerras. (2003, 41)

O fruto dessa revolução é que a agricultura se desenvolve rapidamente em relação às épocas anteriores: é a irrigação, o trato da terra, o uso do metal para construir novas ferramentas e, finalmente, a construção de máquinas. (PORQUET, 41)

Podemos ver a importância da técnica na agricultura atual na leitura de MAZOYER e ROUDART (2010):

Podemos medir a produtividade bruta do trabalho agrícola pela produção de cereais ou de equivalente cereal por trabalhador agrícola e por ano. Em pouco mais de meio século, a relação entre a produtividade da agricultura menos produtiva do mundo, praticada exclusivamente com ferramentas manuais (enxada, pá, cajado, facão, faca ceifadeira, foice...) e a agricultura mais bem equipada e produtiva do momento realmente se acentuou: passou de 1 contra 10 no período do entre guerras, para 1 contra 2.000 no final do século XX. (2010, 27)

Voltando a PORQUET, na Antiguidade, embora tenha fornecido grandes feitos intelectuais, a questão da técnica não foi muito desenvolvida, embora existente. Segundo ele, para alguns isso se deu por causa do uso da escravidão que embotaria a necessidade de criar novos utensílios posto que os escravos eram abundantes e mais baratos e, ainda, faziam tudo.

Na verdade, mesmo com os povos árabes que legaram grandes inventos técnicos e, depois, no período medieval, a não utilização da técnica como é feita hoje, deveu-se a fatores exógenos à própria noção de técnica, sendo mesmo, mais uma questão cultural do que qualquer outra coisa.

As condições para a mudança surgem no século XVIII. O autor retro mencionado cita Ellul para afirmar que diversos fatores contribuíram para influenciar o progresso técnico naquele século, tais como o aumento demográfico, uma situação econômica mundial favorável e forte, o desaparecimento de tabus que permitiu o engajamento na área técnica sem que isso fosse considerado como uma violação ao sagrado. (2003, 44)

Com o advento da Revolução Francesa, de 1789, uma nova sociedade surge, num novo meio cultural, político, econômico, que reclama o desenvolvimento e uso da técnica. (PORQUET, p. 45)

Ao tempo de se iniciar a Primeira Guerra Mundial o "progresso técnico apresenta tantas maravilhas (iluminação elétrica, telégrafo, telefone, aviação, motor a petróleo, bicicleta, etc.) derramando seus efeitos para todos os domínios (vilas, transportes, habitação, medicina, etc.) que todos, Estado e indivíduos, burgueses e operários, se convertem e cantam à sua glória." (PORQUET, 46)

E essa foi a realidade em todos os tempos e locais até o advento do século XIX. O vertiginoso aumento demográfico ocorrido na Europa depois de 1.800 funda-se entre outros fatores na técnica, pois de uma população de 180 milhões passa logo no início da Primeira Guerra para 460 milhões.⁴

Um dado interessante abordado por Gasset repousa em quem passa a dirigir o povo europeu a partir de então. Para ele, não há dúvida, são os técnicos: engenheiros, médicos, advogados, professores, etc. Enfatizando o papel da ciência e sua relação com a técnica

⁴ Estatística fornecida por Gasset (1926, 50).

pergunta: "quem, dentro do grupo técnico, o representa com maior altitude e pureza?" (1926, 50) A resposta não se faz esperar: o homem de ciência. Mas é esse mesmo homem ciência que a técnica transformará em homem massa, ou seja, num modo de ser que atinge todas as classes sociais e que impera em nosso tempo e que Ortega vai denominar como primitivo, como um "bárbaro moderno." (1926, 50)

Paradoxalmente, nesse período, a ciência experimental, em plena desenvoltura desde o século 16, passou a exigir que os operadores científicos deixassem de agir com a visão unificadora da ciência para agirem com a visão da especialização.

Os homens de ciência não são a ciência. A ciência não é especialista. *Ipsa facto* deixaria de ser verdadeira. Nem sequer a ciência empírica, tomada na sua integridade, é verdadeira se a separarmos da matemática, da lógica, da filosofia. Mas o trabalho nela tem de ser - irremediavelmente - especializado. (1926, 50)

Assim, ao longo do século XIX vai se formando uma categoria de homem civilizado que não vê mais a ciência como um todo; ele a exercita de modo apenas parcial, pouco importando o conjunto.

É um homem que, de tudo quanto há de saber para ser um personagem discreto, conhece apenas determinada ciência, e ainda dessa ciência só conhece bem a pequena porção em que ele é ativo investigador. Chega a proclamar como uma virtude o não tomar conhecimento de quanto fique fora da estreita paisagem que especialmente cultiva, e denomina diletantismo a curiosidade pelo conjunto do saber. (1926, 50-51)

Para Ortega y Gasset isto se dá porque a ciência é feita, essencialmente, por homens medíocres que conseguem manipular habilmente partes do conteúdo global de uma ciência e com isso passam a operar isoladamente de outros segmentos e, por consequência, passam a se distanciar dos demais segmentos em que não atua e sobre os quais passa se desinteressar cada vez mais. E ele, então, se considerará "um homem que sabe. (...) nele se

dá um pedaço de algo que , junto com outros pedaços não existentes nele, constituem verdadeiramente o saber." (1926, 51)

Não se pode, porém, rotular esse homem como ignorante; mas também não se pode alcunhá-lo de sábio, pois embora não conhece o todo é conhecedor de sua parte e se considera "*um homem de ciência.*" (1926, 51) (grifo do autor citado)

Para Ortega y Gasset o comportamento do especialista se torna primitivo quando diante da política, da arte, na vida social e nas ciências em geral. Torna-se um ignorante mas cujas posições sobre os diversos temas são posições enérgicas e eivadas de suficiência; transforma-se em um ser hermético, mas satisfeito que desejará predominar fora de sua especialidade. Essa pretensão tem como resultado que o especialista se "comportará sem qualificação e como homem massa em quase todas as esferas da vida." (1926, 51)

São esses homens que não se submetem às instâncias superiores que estão em posições chaves e com isso "simbolizam, e em grande parte constituem o império atual das massas, e sua barbárie é a causa mais imediata da desmoralização européia." (1926, 51)

Atualmente é muito maior o número de homens de ciência (os especialistas) que o de homens cultos e isso certamente ameaça o progresso científico. Portanto, é necessária uma outra geração para assumir tal tarefa.

Encerro esta digressão com as próprias palavras de Gasset:

Mas se o especialista desconhece a fisiologia interna da ciência que cultiva, muito mais radicalmente ignora as condições históricas de sua perduração, isto é, como devem estar organizados a sociedade e o coração do homem, para que possa continuar havendo investigadores. A decadência de vocação científica que se observa nestes anos é um sintoma preocupador para todo aquele que tenha uma idéia clara do que é a civilização, a idéia que sói faltar ao típico "homem de ciência", cume de nossa atual civilização. Também ele acredita que a civilização está aí, simplesmente, como a crosta terrestre e a selva primigênea. (52)

Bibliografia

FOYER, R. **Os humanos antes da humanidade.** Uma perspectiva evolucionista. Trad. Patrícia Zimbres. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

MAZOYER, M. ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo.** Do neolítico à crise contemporânea. Trad. Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

ORTEGA Y GASSET. J. **A rebelião das massas.** Trad. Herrera Filho. Ed. eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. In: mhtml:file://C:\Documents and Settings... 15/6/2011.

PORQUET, Jean-Luc. **Jacquel Ellul. L'homme qui avait presque tout prévu.** Paris: Le cherche midi, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. **Del sentimiento trágico de la vida.** En los hombres y en los pueblos. Madrid: Espasa-Calpe S.A, 1980

Ellul, Ortega y Gasset, Ponto de encontro e os Direitos Fundamentais

RESUMO:

O artigo visa fazer um diálogo entre a obra de Jacques Ellul com outros autores, de outros tempos, de outras nacionalidades, de outras visões. A princípio ficaremos com Ortega y Gasset.

Após descrever em linhas gerais a obra de Jacques Ellul e de Ortega y Gasset o texto faz uma explanação sobre como o homem é visto como alguém que faz parte de uma coletividade e cuja atuação leva ao progresso ou ao retrocesso social.

Tem como pano de fundo a obra A Rebelião das Massas, de Ortega y Gasset, de 1926, e faz um paralelo com a visão de Ellul sobre as questões da técnica e como esta atua até os dias atuais no progresso da humanidade.

Descreve uma evolução que busca no passado mais longínquo e com base no desenvolvimento das técnicas agrícolas até às tecnologias atuais e com as implicações que isso acarreta à vida social e aos direitos individuais.

PALAVRAS CHAVES: técnica; Jacques Ellul; Ortega y Gasset; Rebelião das massas; direitos fundamentais

Ellul, Ortega y Gasset: Punto de encuentro e los Derechos fundamentales

Resumen: el artículo pretende hacer un diálogo entre la obra de Jacques Ellul con otros autores, otras épocas, otras nacionalidades de otros puntos de vista. Al principio nos quedamos con Ortega y Gasset. Después de describir la obra de Jacques Ellul y de Ortega y Gasset el texto hace una explicación acerca del modo como el hombre es visto como una persona que es parte de un colectivo y cuyo desempeño conduce al progreso o a la regresión social. Tiene como telón de fondo la obra “Rebelión de las masas”, de Ortega y Gasset, en 1926, y hace un paralelo con la visión de Ellul sobre cuestiones de la técnica y cómo esto funciona hasta la actualidad en el progreso de la humanidad. Describe una evolución que busca en el pasado distante y basado en el desarrollo de técnicas agrícolas a las tecnologías actuales y las implicaciones que esto conlleva a la vida social y los derechos individuales.

Palabras claves:

Técnica; Jacques Ellul; Ortega y Gasset; Rebelión de las masas; Derechos fundamentales